



## MULHER E ESPORTE: PALAVRAS INICIAIS SOBRE OS DESAFIOS AO ENSINO NA ESCOLA

Helena Altmann<sup>1</sup>

Simone Cecilia Fernandes<sup>2</sup>

### RESUMO

As experiências de meninos e meninas, ao longo da sua infância e período de escolarização, tendem a educar seus corpos, em muitos aspectos, de modos distintos. Este artigo buscou problematizar alguns desafios ao ensino da Educação Física na escola, aprofundando a relação existente entre mulher e esporte. Para isso, foram considerados momentos históricos que situavam meninos e meninas em diferentes campos de pertencimento frente às práticas corporais e esportivas. Considerou-se, também, a experiência de mulheres atletas que, ao longo do século XX, encontrou-se marcada por vários discursos de interdições e proibições que buscavam restringir suas sociabilidades ao âmbito privado da vida. Ao final, após circunscrever a relação entre mulher e esporte em algumas de suas dimensões históricas, sociais e políticas, lançaram-se alguns desafios de ensinar esportes às meninas, considerando a relevância social deste fenômeno em nossa sociedade.

**Palavras-Chave:** Educação Física Escolar; História das Mulheres; Esportes; Relações de Gênero.

## WOMEN AND SPORT: INITIAL WORDS ABOUT THE CHALLENGES TO THE TEACHING AT SCHOOL

### ABSTRACT

The experiences of boys and girls throughout their infancy and schooling period tend to educate their bodies in different wayson many aspects. This article sought to problematize some challenges to the teaching Physical Education at school, deepening the connection between women and sport. For this, it was considered historic moments which have placed boys and girls in different fields of membership, face to body and sports practices. It was also considered the experience of women athletes who, along the twentieth century, was marked by various discourses of interdictions and prohibition orders to restrict their sociability to the private sphere of life. At the end, after circumscribing the relation between women and sport in some of their historical, social and political dimensions, it was launched some challenges to teach sports to girls, considering the social relevance of this phenomenon in our society.

**Key-words:** School physical education; History of women; Sport; Gender relationships.

## MUJER Y DEPORTE: PRIMERAS PALABRAS ACERCA DEL DESAFÍO PARA LA ENSEÑANZA EN LA ESCUELA

### RESUMEN

Experiencias de niños y niñas durante su infancia y el período de escolarización tienden a educar sus cuerpos, en muchos aspectos de manera distinta. Este artículo busca problematizar algunos desafíos de la enseñanza de la Educación Física en la escuela, profundizando la relación existente entre mujer

<sup>1</sup> Helena é professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e coordena o Grupo de Pesquisa Corpo e Educação. Contato: <[altmann@fef.unicamp.br](mailto:altmann@fef.unicamp.br)>.

<sup>2</sup> Simone é professora da Educação Básica na rede municipal em Campinas, SP e estudante de doutorado na Universidade Estadual de Campinas. Contato: <[si.cecifernandes@gmail.com](mailto:si.cecifernandes@gmail.com)>.



y deporte. Para eso fueron considerados momentos históricos que situaban niños y niñas en diferentes campos de pertenencia frente las prácticas corporales y deportivas. También fueron consideradas la experiencia de mujeres atletas que, durante el siglo XX, fue marcada por varios discursos de interdicciones y prohibiciones que buscaban restringir sus sociabilidades al ámbito privado de la vida. Al fin, después de circunscribir la relación entre mujer y deporte en algunas de sus dimensiones históricas, sociales y políticas, se lanzaran algunos desafíos de enseñar deportes para niñas, considerando la relevancia social de este fenómeno en nuestra sociedad.

**Palabras-Clave:** Educación Física Escolar; Historia de las Mujeres; Deportes; Relaciones de Género.

Ao longo da sua história, a Educação Física manteve uma forte tradição de separação de alunos e alunas por sexo nas suas aulas. No entanto, a partir da década de 1990, essa tradição começou a ser modificada, e muitos meninos e meninas passaram a compartilhar os mesmos espaços, ainda que nem sempre realizando as mesmas atividades nas aulas de Educação Física. Tal separação era explicada em nome de diferenças sexuais, supostamente biológicas e naturais, entre homens e mulheres, meninos e meninas. No entanto, a partir do conceito de gênero, é possível compreender que as diferenças entre homens e mulheres não são naturais, mas construídas social e historicamente, também no que se refere às suas habilidades corporais e esportivas. As experiências de meninos e meninas ao longo da sua infância e período de escolarização educam seus corpos, em muitos aspectos, de modos distintos e este artigo buscará problematizar alguns desafios ao ensino da Educação Física na escola, aprofundando, em específico, a relação existente entre mulher e esporte.

### **As pedagogias do corpo na escola e a escolarização das meninas**

*“Na trama tecida ao longo da história estudada, pude perceber que, na aparência das diferenças biológicas entre os sexos, ocultam-se relações de poder – marcadas pela dominação masculina” (SOUSA, 1994, p.209).*

A Educação Física escolar, desde os finais dos anos de 1980, tem se caracterizado como uma prática de ensino de conteúdos da cultura corporal de movimento. Tal concepção se diferencia sobremaneira do entendimento que percorre o período de seu enraizamento como uma disciplina escolar. Segundo Vago (1999), a Educação Física escolar remonta ao século XIX, e uma referência histórica importante se encontra na reforma educacional de

1906, realizada em Minas Gerais. Nela, a cadeira de “Exercícios Físicos” adquiria relevância na nascente escola pública, em consonância com as ideias higiênicas e eugênicas que impregnavam as noções de nação brasileira no início do século XX. Tal Educação Física estabelecia fazeres diferentes para meninos e meninas:

Para eles, a prática central eram as variações de marchas militares... Já para as meninas, prescrevia-se brincar em liberdade no pátio e realizar exercícios de extensão e flexão; para ambos, uma educação racional de seus corpos (VAGO, 1999, p.35).

Entre os discursos que justificavam sua inserção nas escolas, também faziam grande presença nos manuscritos do período, aqueles que se alinhavam à necessidade da capacitação física do trabalhador, em uma dimensão de adestramento físico frente ao processo de industrialização no século XX, o qual ganhava legitimidade, concorrendo com o modelo econômico agrário já estabelecido (CASTELLANI FILHO, 2002, p. 5).

Assim, a educação corporal dos meninos pautava-se no fortalecimento do corpo e de sua virilidade:

[...] sob a cobertura do “natural”, uma disciplina dos corpos masculinos se impõe: os rapazes parecem ser espontaneamente atraídos pela competição, pelo treinamento físico e pelo desenvolvimento muscular, já que tudo isso só reforça neles a virilidade e, por consequência, a “natureza” máscula (SCHPUN, 1999, p.37).

No que se referem às práticas corporais das mulheres, no período do século XX, elas apresentavam características bastante distintas às dos homens. Como lados opostos de uma mesma moeda, o discurso hegemônico do Estado circunscrevia a mulher ao eixo da reprodução, restringindo sua participação na vida social pública, inclusive nas escolas e instaurando uma pedagogia do corpo voltada ao desenvolvimento do ventre. Poucos exercícios lhes eram próprios, nenhum marcado por situações de enfrentamento:

A educação física da mulher deve constar de: a) jogos infantis (especialmente nacionais); b) ginástica sueca, principalmente apropriada à função respiratória e à bacia e aos membros inferiores; c) esportes, tais como dança clássica, ao ar livre, pedestrianismo (pequenos passeios, corridas e marchas de pouca duração e extensão); d) e, finalmente, a

natação, que é o esporte utilitário de maior capacidade higiênica e morfogênica(AZEVEDO, 1920, p.46 Apud SCHPUN, 1999, p.35).

O processo de escolarização das meninas apresentava um currículo diferenciado daquele dos meninos, o qual não planejava desenvolver o intelecto nem a força física,tendo alguns conteúdos a serem ensinados descritos na Lei de 1827, circunscritos por três dimensões:

A instrução religiosa, os saberes fundamentais e as aprendizagens práticas. No primeiro estavam incluídos os princípios da moral cristã e doutrina da religião católica e apostólica romana; no segundo, a leitura e a escrita da gramática da língua nacional e as quatro operações da aritmética; e, no terceiro, “prendas que servem à economia doméstica” (JINZENJI, 2010 p.217).

Algumas distinções curriculares nesse incipiente ensino escolar: *“para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura”* (LOURO, 2008, p.444). É possível afirmar que o discurso veiculado pelo Estado brasileiro voltado à instituição escolar, tal como exposto acima, circunscrevia a função social da mulher ao espaço da reprodução e aos cuidados do lar, restrita, portanto, ao âmbito privado da vida. No entanto, mesmo que marcadas por esse cenário político, muitas mulheres viviam de diferentes maneiras e a educação das meninas também se distinguiu, a depender de teias de pertencimentos como classe, raça, etnia, religião etc. (LOURO, 2008).

No que se refere à escolarização das meninas, é exemplar o enfrentamento realizado pela educadora brasileira Nísia Floresta, no século XIX. Em seu Colégio Augusto, Nísia colocava em ação um programa de estudos que incluía disciplinas consideradas “não comuns” à escolarização da mulher, tais como Latim, Caligrafia, História, Geografia, Religião, Matemática, Português, Francês, Italiano, Inglês, Música, Dança, Piano, Desenho e Costura (VALADARES, X apud FLORESTA, 1989). Em seu livro “Opúsculo Humanitário”, é possível apreender que o interesse pela educação física, no currículo das meninas, se constituía por meio do viés dos benefícios físicos, tais como o fortalecimento dos membros, que algumas práticas proporcionam às meninas, em detrimento do ensino de divertimentos “fúteis” para enfeitar salões, tão comuns no período (FLORESTA, 1853).Não obstante, Nísia Floresta

recebia “severas críticas” em jornais, as quais refletiam o incômodo que causavam, à época, seus pensamentos e propostas de educação para as mulheres (VALADARES apud FLORESTA, 1989).

De modo que, considerando a multiplicidade dos modos de vida, ainda assim é possível afirmar que meninos e meninas foram, ao longo do percurso histórico escolar e da constituição do Estado brasileiro, informados de distintas maneiras sobre suas práticas corporais. Entre os dizeres do currículo escolar que situava as virtudes da mulher no lar ou o desenvolvimento do intelecto e do fortalecimento físico, uma transformação nos modos de pensar a existência do sujeito feminino se fez presente.

### **Um parênteses - A (re)invenção do corpo da mulher**

Atualmente, é bastante forte a compreensão do corpo humano como possuidor de dois sexos anatômicos distintos, com funções diferentes e incomensuráveis. Algo já tão enraizado em nossa cultura, que causam estranhamento os estudos de Thomas Laqueur (2001), reveladores do pensamento sobre o modelo de sexo “único/carne única”, que dominou os conhecimentos corpóreos desde a antiguidade clássica até o final de 1600 (LAQUEUR, 2001), sobre o qual a mulher, com todas as suas especificidades corporais, órgãos e fluídos, ‘não existia’ em campos discursivos sobre o corpo.

Segundo o autor, havia somente um sexo, o qual aparecia marcado pela ótica da perfeição quando resultava para fora do espaço interno do corpo, o do homem, sendo a mulher resultante de menos calor vital e, portanto, marcada por uma imperfeição, possuidora da mesma estrutura corporal, só que invertida e para dentro do espaço interno, com seus órgãos dentro do corpo. Útero, ovários, vagina não existiam no vocabulário corporal do período. Em resumo, explica Laqueur o pensamento sobre o corpo do período, *“As mulheres, em outras palavras, são homens invertidos, logo, menos perfeitas. Têm exatamente os mesmos órgãos, mas em lugares exatamente errados”* (LAQUEUR, 2001, p. 42).

Neste sentido, afirma o autor, as diferenças do que chamamos hoje de gênero precederam as de sexo, no que se refere ao desenvolvimento dos saberes biológicos sobre o corpo. Na medida em que nossa sociedade eleva os saberes atuais sobre o corpo(sexo) como

verdades incontestáveis, distantes de qualquer problematização política, trazer à tona essa arte cênica corpórea que performa nossa existência histórica permite repensar o contínuo corpo(sexo)-gênero no campo científico, e desnaturalizar noções sobre o corpo.

Se, quando os antigos anatomistas dissecavam os corpos, mais comprovavam a existência de somente um sexo, o qual poderia estar invertido e para dentro dos corpos, ou para fora, é possível questionar que a mudança resultante numa anatomia de incomensurabilidade entre homens e mulheres, não resulta de um desenvolvimento da ciência, mas de uma transformação epistemológica e política da sociedade (LAQUEUR, 2001).

Entre os deslocamentos históricos, algumas permanências. É instigante pensar que o sentido de imperfeição dado pela ideia de “menos calor vital, que impregnava a existência da mulher, parece ter permanecido acerca das suas capacidades físicas quando comparadas aos homens. Assim, os dizeres acerca dos corpos de homens e mulheres conquistam diferentes legitimidades frente a algumas práticas corporais: futebol, lutas, atletismo, etc. foram, sob o comando da instituição científica, esportiva e do Estado, em muitos momentos, palco de exclusão das mulheres.

### **Passagens de contraste entre a instituição esportiva e as mulheres atletas**

*"Eu, Cyniska, descendente dos reis de Esparta, coloco esta pedra para recordar a corrida que ganhei com os meus rápidos pés, sendo a única mulher de toda a Grécia a ganhar"(BRANDY, Susan In BOTELHO GOMES, 2004, p.18).*

A epígrafe, segundo Botelho Gomes (2004), encontra-se inscrita em um monumento de Olímpia e atesta que as mulheres, na Grécia antiga, cometeram “desvarios” esportivos. Interdições à participação marcam a história das mulheres com o esporte. Vejamos algumas, ligadas ao nosso contexto histórico.

Na primeira metade do século XX, há relatos impressos sobre a crescente organização das mulheres no futebol, assim como é possível, nas mesmas fontes, visitar discursos opostos a esse movimento. Talvez, o mais famoso seja a carta enviada ao Presidente da República, assinada por José Fuzeira,

para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (José Fuzeira, carta datada de 25/04/1940. In: FRANZINI, 2005).

É lamentável que tal cenário não tenha se configurado como o previsto por este senhor. Não por acaso, uma série de medidas foram tomadas para que fosse salvaguardado o que se acreditava ser o “equilíbrio fisiológico” da mulher, por meio de discursos que “colonizavam” o corpo feminino, visando a circunscrever na procriação a função social das mulheres na sociedade patriarcal. Assim, em 1941 é instituído o Conselho Nacional de Desportos, e seu artigo 54 determinava que às mulheres não fosse permitida a prática desportiva considerada incompatível com as condições de sua natureza, cabendo ao CND construir as instruções para impedir as práticas prejudiciais à nação. Em consenso com este entendimento de ordenamento da sociedade, o 1º Congresso Pan-Americano de Educação Física, realizado no Rio, em 1943 concluiu que:

Os regimes de exercícios para o sexo feminino devem ser diferentes dos do sexo masculino e condicionar-se às características morfo-fisiológicas da mulher e à sua preparação para a maternidade<sup>3</sup>.

Alguns esportes, tais como o atletismo nas modalidades de salto, não eram recomendados às mulheres, pois o discurso científico apregoava os riscos do descolamento dos órgãos internos da mulher durante o saltar:

os choques constantes e repetidos sobre os calcanhares, no momento da queda, podem e devem repercutir sobre a bacia e os órgãos genitais

---

<sup>3</sup> Informação retirada ao arquivo do jornal Folha de São Paulo, em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2505200328.htm>>. Acesso em: 01/04/2013.

internos, principalmente os ovários, acarretando uma possível alteração no seu equilíbrio funcional (ARENO, 1945, p.26).

Algumas mulheres atletas foram estigmatizadas por tais discursos (FARIAS, 2008). Entre elas, Aída dos Santos, única mulher a participar das olimpíadas de 1964 (Tóquio), o fez sem nenhuma estrutura, viajando sem técnico, superando diferentes preconceitos por ser mulher realizando uma prática considerada imprópria às mulheres, e pobre, quando o esporte ainda era marcadamente das elites brancas e ricas, conquistando o quarto lugar no salto em altura (FARIAS, 2008).

Nos anos seguintes, talvez tenha se concretizado uma das maiores proibições legais da história brasileira relativa à mulher no esporte. No período de 1965 a 1979, vigorou a deliberação do Conselho Nacional de Desportos, nos anos da Ditadura Militar, que proibia a participação esportiva das mulheres nas modalidades da *“prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”*<sup>4</sup>.

No que se refere ao cenário internacional, outro acontecimento de grande destaque ocorreu em 1967, quando Kathrine Switzer, corredora norte-americana, inscreveu-se para participar da Maratona de Boston. A Maratona de Boston, desde aquela época, era uma importante corrida do calendário internacional. Trata-se da mais antiga maratona anual do mundo, disputada desde 1897, um ano depois da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Utilizando como identificação as suas iniciais com seu sobrenome, em referência a escritores – por ela admirados – que assinavam desta maneira seus textos, a participação de “K.V. Switzer”, entrou para a história das mulheres e do esporte. Ao perceber que Switzer era uma mulher, após o início da maratona, um dos organizadores do evento tentou retirá-la da prova, sendo impedido por outros corredores. Através do seu próprio corpo, correndo os 42,195 km, com o tempo de 4 horas e 20 minutos, Switzer demonstrou que mulheres são capazes de correr provas de grande distância. Em 1972, as mulheres puderam participar oficialmente desta maratona, enquanto, dentro das competições dos Jogos Olímpicos, tal conquista só se deu em 1984, nos Jogos de Londres.

---

<sup>4</sup> Texto completo em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2962672/dou-secao-1-02-09-1965-pg-33/pdfView>> Acesso em:20/03/2013.



Durante uma entrevista, concedida muitos anos mais tarde, em que relata essa experiência, a corredora afirma: “De repente, eu me dei conta que se eu não terminasse aquela corrida, todo mundo ia acreditar que as mulheres não conseguem correr maratonas, que elas não mereciam estar lá, que elas são incapazes. ‘Eu preciso terminar essa corrida’”<sup>5</sup>.

Entre interdições e proibições, as mulheres atletas sempre estiveram presentes na instituição esportiva (DEVIDE, 2005; FARIAS, 2008; FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; MORAES, 2012; SOUZA e MOURÃO, 2011; SCHPUN, 1999), assim como sua presença em si representava uma conquista desse campo de pertencimentos historicamente vinculado às construções hegemônicas do “ser homem”. É importante lembrar que tais configurações também afetam os meninos, que não incorporam um saber fazer esportivo que represente esse imaginário de gênero (SOUSA; ALTMANN, 1999).

### **O esporte na escola: desafios ao ensino das meninas**

Atualmente, a participação das mulheres no cenário esportivo brasileiro tem sido frequente e em diferentes modalidades. No entanto, o desenvolvimento de instituições públicas esportivas não acompanhou esse crescimento diversificado da prática esportiva no Brasil, de modo que faltam lugares de aprender e treinar, tanto para uma prática voltada ao lazer das pessoas, quanto para atletas do alto rendimento. Neste cenário, as escolas representam, em muitos lugares, o único momento em que crianças e jovens tem oportunidade de experimentar a cultura corporal de movimento historicamente sistematizada. Entre esses conteúdos, os esportes.

No que se refere à participação das meninas, pesquisas na área (UCHOGA, 2012; JACÓ, 2012; OLIVEIRA, 2010; VIANA, 2012) apontam uma grande assimetria entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física na escola, especialmente se considerarmos os anos finais do Ensino Fundamental. Em pesquisa realizada por Jacó (2012), 83% dos discentes que não participavam das aulas de Educação Física eram meninas, apresentando como justificativas o não saber fazer, não gostar das roupas específicas para a prática e a não motivação.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://on.aol.com/video/kathrine-switzer--first-woman-to-enter-the-boston-marathon-517280189>>. Acesso em: 03/04/2013.

No entanto, a aprendizagem de habilidades corporais esportivas, especialmente as de enfrentamento proporcionadas pelo esporte coletivo, tais como o drible no futebol, resultam em um empoderamento corporal, e situam homens e mulheres em diferentes sociabilidades, as quais podem não estabelecer um contínuo com a imagem hegemônica da mulher na sociedade.

Sob este ponto de vista, o conceito de fisicalidade (*physicality*), tal como apresenta Devide (2005) e Uchoga (2012) reflete a importância do empoderamento físico e social que as práticas corporais proporcionam às pessoas, em especial às mulheres. Tal conceito se desenvolve no cenário internacional da sociologia do esporte em meados da década de 1980 (GILROY, 1989; WHITSON, 1994; MCDERMOTT, 1996; 2000; GARRET, 2004; HILLS, 2007) e uma aproximação de sentidos possível com o contexto brasileiro do termo no inglês *physicality*, traduzido como fisicalidade, se encontra no questionamento das noções naturalizadas sobre as habilidades corporais como restritas ao campo das masculinidades. Tal movimento busca situar a habilidade corporal como algo que se aprende. A noção que supõe que meninos são naturalmente mais hábeis que meninas percorre a pedagogia dos corpos no século XX,

Assim, sob a cobertura do “natural”, uma disciplina dos corpos masculinos se impõe: os rapazes parecem ser espontaneamente atraídos pela competição, pelo treinamento físico e pelo desenvolvimento muscular, já que tudo isso só reforça neles a virilidade e, por consequência, a “natureza” máscula (SCHPUN, 1999, p.37).

Originalmente, o termo *physicality* era uma referência a tais pensamentos, às habilidades “naturalmente” masculinas para a prática esportiva. A apropriação do conceito de fisicalidade para representar, também, o corpo da mulher, que se torna hábil nas práticas corporais, situa o feminino num campo de pertencimentos físico-esportivos e adquire um caráter de contestação frente à história das pedagogias corporais.

Situar esportes, especialmente os coletivos, como pertencentes às práticas femininas repercute, também, em outras formas de sociabilidades às mulheres, tal como preconizava uma interessante crônica jornalística da primeira metade do século XX, a qual via, no crescente envolvimento das mulheres com o futebol, a possibilidade de “*criação de mais um ramo de atividades para as mulheres*” (FRANZINI, 2005). No entanto, como vimos

anteriormente no texto, vários mecanismos de controle social foram exercidos a fim de assegurar que as mulheres voltassem suas sociabilidades para o âmbito privado da vida.

Há experiências internacionais, tais como uma realizada na Espanha, que se aproximam nas tentativas de enfrentar o cenário de desigualdade referente aos fazeres de meninos e meninas na Educação Física. A partir de uma pesquisa com 3.103 meninos e meninas e 104 professores e professoras pertencentes a 50 centros escolares na Espanha, constatou-se a persistência de desigualdades entre meninos e meninas frente às práticas corporais e esportivas, ligadas a estereótipos de gênero. Diante desta realidade, produziu-se uma proposta de intervenção educativa, denominada “Guia PAFIC”<sup>6</sup>, a qual proporciona reflexões e sugere ações de modo bastante didático, e compõe uma iniciativa exemplar no que se refere à necessidade de superar tais desigualdades.

Ensinar esportes às meninas é, nesta perspectiva de políticas feministas, um dos primeiros desafios para a constituição de pedagogias do corpo que rompam com a história de colonização do corpo da mulher. Uma situação prática durante uma aula ilustra acontecimentos curiosos, ligados ao aprender habilidades corporais:

“Professora, pelo amor de Deus, abre a porta da sala para a gente!” Esse era o pedido de quatro meninas do nono ano logo após se envolverem profundamente pela primeira vez em um jogo pré-esportivo na aula de educação física. Fui com elas até a sala e me surpreendi ao vê-las ligando desesperadamente os ventiladores e se colocando em frente a eles, abanando-se, aflitas por estarem suando<sup>7</sup>.

O suor aparece como um incômodo frente à participação na aula, considerando o retorno quase que imediato, ao término da Educação Física, à sala de aula para acompanhar as demais aulas do dia. Não obstante, muitos meninos também se incomodam. No entanto, o envolvimento com o jogo, tal como o ocorrido com as quatro alunas, parece

---

<sup>6</sup> Disponível em <[http://www.csd.gob.es/csd/estaticos/myd/CarreraMujer/GUIA\\_PAFiC.pdf](http://www.csd.gob.es/csd/estaticos/myd/CarreraMujer/GUIA_PAFiC.pdf)>. Acesso em: 06/04/2013.

<sup>7</sup> Registro realizado durante uma aula de Educação Física no ano de 2012 junto ao Programa de Incentivo à Docência – PIBID. A aula era sobre um jogo pré-esportivo que apresentava somente uma complexidade – passar a bola sete vezes entre a equipe para marcar o ponto. Não era permitido retirar a bola da mão e a outra equipe poderia fazer marcação com fins de recuperar a posse da bola.

superar o incômodo, sobressaindo uma disponibilidade corporal para realizar o jogo e aprender em detrimento da não participação.

A preocupação com a aparência da mulher se constituiu imersa em diferentes normatizações, entre elas o discurso médico higienista na década de 1920, que proporcionava a construção de hábitos corporais enlaçados a ideais de beleza, cuidados com a pele, com as unhas, olhos, dentes, os quais visavam um jogo de sedução e poder diante do olhar masculino (SCHPUN, 1999). Tais dizeres sobre o corpo feminino, bastante presente na atualidade e, inclusive, voltando-se também aos cuidados dos homens e de seus corpos, agora com sinais de uma lógica de consumo, podem repercutir em resistências durante as aulas de Educação Física, pois esses momentos de aula podem desestabilizar um ideal de asseio do corpo.

Afora a preocupação com o suor, é importante destacar que a lógica do jogo proporcionou um envolvimento profundo com a atividade corporal, de modo que, durante o jogo, as meninas se permitiram envolver nesse aprendizado. Investir no desenvolvimento de metodologias de ensino que proporcionem esse empoderamento físico é, como consequência, outro desafio ao ensino de todos/as na escola.

Neste sentido, Altmann, Ayoub e Amaral (2011), apontam ser importante problematizar e desconstruir os estereótipos de gênero, tais como pensar que “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”. Segundo as autoras, algumas práticas desestabilizam esses “regimes de verdade sobre o gênero” quando possibilitam *“envolvimento efetivo e qualificado das meninas nas atividades, mostrando seu domínio de habilidades esportivas”* (ALTMANN, AYOUN, AMARAL, 2011, *passim*, p.496-497).

Com relação aos estigmas que as mulheres atletas viviam em suas vidas, os quais foram se constituindo por meio de diferentes discursos da ciência e uso das leis que situavam a mulher num campo de incapacidades físicas, tais situações estigmatizantes ainda circulam no contexto escolar, especialmente quando situações de disputas pelo espaço da quadra se configuram.

Frases como “menina não joga”, “vocês [elas] não vão fazer”, “elas não sabem”, etc., são evocadas a fim de desestimular e desqualificar a prática de boa parcela das meninas. Outras situações, tais como a descrita na pesquisa de mestrado de Helena Altmann (1998), na qual xingamentos como “Maria-Homem” eram utilizados, circunscrevem algumas

das estratégias destinadas à conquista da exclusividade da quadra por alunos, fundadas em estereótipos de gênero. Risos incontrolados, irritações frente ao erro, impaciência e grosserias também acompanham as iniciativas de algumas meninas em aprender. Motivá-las para a prática, quando não possuem tais hábitos, é outro desafio a ser cotidianamente enfrentado, a fim de situá-las como protagonistas nas aulas.

Muitas meninas, no século XIX, estavam restritas ao espaço privado da casa, tendo como justificativa o próprio fato de ser mulher, sendo negligenciado seu direito à educação. Poder estudar em escolas públicas foi uma conquista em nosso país. A conquista do espaço esportivo por mulheres, cada vez maior, representa a constituição de uma rede de pertencimentos das mulheres no campo físico da força, agilidade, inteligência, enfrentamento, movimento, vida pública, que desestabilizam a antiga noção hegemônica de feminilidade/masculinidade. A frase de Simone de Beauvoir, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”<sup>8</sup>, pode ser evocada, também, para um tornar-se físico feminino circunscrito pela ótica das capacidades físicas frente ao fazer esportivo, proporcionando hábitos corporais coletivos marcados pelo envolvimento intenso e pelo divertimento que os esportes podem proporcionar a todos/as as pessoas.

## Referências

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação). Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?". **Revista Estudos Feministas.** 2011, vol.19, n.2, pp. 491-501.

ARENO, Waldemar. **Considerações médico-desportivas sobre atletismo feminino.** Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, a.1, n.1, p.24-29, out./1945.

---

<sup>8</sup>Do mesmo modo, não se nasce homem, torna-se homem. No entanto, essa construção não é sentida por homens como tal por estar situada num campo de dominância em nossa sociedade. Excetuando-se aqueles homens que figuram com outras masculinidades, por exemplo, o homem que não gosta de futebol certamente precisa, a todo o momento, justificar suas escolhas, sob o risco de ser situado como “menos homem” na escola. Alguns meninos também vivenciam, de modo opressor, os estereótipos de gênero quando não reproduzem a lógica de gênero por meio do seu fazer corporal e suas habilidades esportivas. Mas este é um tema que merece maior destaque, não objetivado neste texto.

BOTELHO GOMES, Paula. Mulheres e desporto: qual a agenda pedagógica do século XXI? In **III Fórum de debates sobre mulher & esporte** – mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.  
CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e educação física**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulher no esporte**: historia das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2005.

FARIAS, Cláudia Maria de. **Projeção e emancipação das mulheres brasileiras no esporte, 1932 - 1968**. XIII Encontro de História, ANPUH. Rio de Janeiro, 2008.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25, n.50, p. 315-328, 2005.

GARRET, Robyne. Negotiating a physical identity: girls, boys and Physical Education. **Sport, Education and Society**, v. 9, n. 2, p 223-237, jul. 2004.

GILROY, Sarah. The embodiment of Power: gender and physical activity. **LeisureStudies**, v.8,n.2, p. 163-172, 1989.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, ab./jun., 2005.

HILLS, Laura. Friendship, physicality, and physical education: an exploration of the social and embodied dynamics of girls' physical education experiences. **Sport, Education and Society**, v.12, n. 3, p. 335-354, August. 2007.

JACÓ, Juliana Fagundes. **Educação física escolar e gênero**: diferentes maneiras de participar das aulas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Pós-Graduação em Educação física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: RelumeDumara, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula In DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

MCDERMOTT, Lisa. Toward a feminist understanding of physicality within the context of women's physically active and sporting lives. **Sociology of Sport Journal**, v.13, p.12-30, 1996.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC, v. 8, n. 2, p.9-41, 2000.

OLIVEIRA, Rogério Cruz. **Na "Periferia" da quadra**: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. Tese (Doutorado em Educação Física) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2010.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos à marcha! Meninas à sombra!** A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

SOUZA, Gabriela C.; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres no Tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X e FAPERJ, 2011.

UCHÔGA, Liane A. Roveran. **Educação física escolar e as relações de gênero**: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

VALPORTO, Oscar. **Atleta, substantivo feminino**: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

VIANA, Aline Edwiges dos Santos. **As relações de gênero em uma escola de futebol**: quando o jogo é possível?. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

WHITSON, David. The embodiment of Gender: Discipline, Domination, and Empowerment. In: BIRRELL, Susan; COLE, Cheryl .I. (Ed.). **Women, sport and culture**. Champaign: HumanKinetics, 1994. p. 353-372.

**RECEBIDO EM 10 DE MARÇO DE 2013.**

**APROVADO EM 20 DE ABRIL DE 2013.**